

Perigo no mar

→ **Classificação:** Episódio de vida

→ **Assunto:** Episódio de vida que relata a tentativa de assistir um colega de profissão durante uma tempestade. O colega em apuros acaba por se salvar, deixando para trás quem o ajudou.

→ **Palavras-chave:** Sesimbra, pesca, pescador

→ **Região:**

- **Região:** Península de Setúbal
- **Distrito:** Setúbal
- **Concelho:** Sesimbra
- **Localidade:** Sesimbra

→ **Informante:**

- **Nome:** Manuel Chochinha
- **Data de nascimento:**

→ **Vídeo:**

- **Entrevistador:** Filomena Sousa
- **Data de Recolha:** 2008
- **Vídeo:** José Barbieri
- **Local de filmagem:** Sesimbra
- **Duração:** 0:04:02

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Ana Sofia Paiva
- **Data de Transcrição:** Setembro 2012
- **Palavras:** 832

→ **Versão literária:**

- **Execução:** Ana Sofia Paiva
- **Data de execução:** Setembro 2011
- **Palavras:** 776

Perigo no mar

Colectora: Nunca viu a sua vida correr grandes riscos?

Vi, vi. Vi a minha vida correr perigo por várias vezes. Por várias vezes. Eu recordo-me duma – foi a vez que me vi mais atrapalhado – que eu governava o outro barco, que era o barco de madeira, que o meu pai tinha...

Colectora: Como é que se chamava o barco?

Também era Manuel Chochinha, tal como este. E então... e eu estava a pescar mais... mais outro barco, em Marrocos. Estava a pescar mais outro barco em Marrocos e, um bocadinho longe, estava outro barco do Algarve também a pescar. Mas, quer dizer, um bocadinho afastado da gente, não era assim muito longe. Também a pescar... Começou a vento a soprar de sul forte, muito forte, muito forte, cada vez mais... E o que é que... O meu colega disse para mim:

- É pá, Manel, a gente vai ficar aqui... A gente vai ficar aqui um dia, pá, de noite, se cai mais, como é que é, pá? A gente aguenta-se?

E eu assim:

- É pá, não sei, olha... Queres ir para a terra? A minha pesca está quase feita, vamos para a terra.

Começámos a navegar para Sesimbra. De Marrocos para Sesimbra, onde a gente estava, ainda levávamos aqui pelo menos dois dias e pouco. Debaixo de mar e vento,

também é muito. Dois dias, duas noites, é claro. [risos] Ah... Começámos a navegar.

Nisto, o colega do Algarve, chamou por mim.

- Ó Manel Chochinha, está a ouvir?

E eu:

- Estou, estou. Comunique lá.

E ele diz-me:

- É pá, tenho o barco avariado, pá. Eu também venho a navegar para a terra, venho aqui já por... por terra de vocês... É pá, pelo menos metem-me aqui no porto mais perto.

O porto mais perto era Safi, em Marrocos. E eu nunca lá tinha entrado em Safi. Só que o meu colega já lá tinha entrado uma vez, ele e o contramestre dele – que são dois rapazes que ainda governam hoje – já lá tinham entrado. E eu vou, vou. Vou e falei lá com o outro meu colega:

- É pá, olha que está aí o mestre Zé Manel, do Luz do Amor. Está empanado e a gente tem que levar o homem... -o homem até é da Fuzeta, era da Fuzeta. -... tem que levar o barco...

Colectora: Raiz do Amor?

Chamava-se Luz do Amor. Temos que levar o barco para Safi, pá, que está este temporal, o homem não vai ficar aí, nem pensar, né?

- Bem, vamos lá...

Fomos lá. Quando cheguei, digo eu:

- Como é que é?

Diz ele assim:

- Ó pá, agarramos os dois no barco.

Digo eu assim:

- Não, não, não... Os dois agarrados no barco, com este tempo, pode dar um desvio qualquer e bater um contra o outro e a gente estraga tudo. Eu pego e tu vais-me acompanhar aí pela proa.

E assim foi. Peguei no barco... Mas o mar cada vez era mais, e o vento. Já não nos entendíamos. E mais com um barco daqueles a reboque, o barco ainda era um bocadinho maior que o nosso. E vamos, vamos, vamos... Entretanto, diz-me ele assim para mim:

- É pá, Manel, olha: eu vou já andando para Safi, vou ver como é que está a entrada da doca. Porque a noite está-se a meter, que é para... que é para te dar mais ou menos a como é que a doca está.

- Então está bem, pá, vai lá.

Vai lá, ele desandou, desandou, desandou e eu sempre com o barco a reboques. O que é certo é que esse meu colega fintou-me e bem. Entrou já com dificuldade, chegou, atracou o barco ao cais e zarpou por terra dentro, ele e a companhia. Nem ai, nem ui. Eu fartava-me de chamar por ele, nada de responder; nada de responder. Quando foi à entrada da doca, já de noite e bem noite, então é que foram elas. Eu queria encurtar o cabo para os barcos virem mais juntos um do outro, mas em contrapartida não podia, porque depois podia dar o mar pela popa e atirar o barco para cima do meu. E então, não encurtei nada a corda.

- Vamos embora, vai assim que vai bem. Olha, haja Deus.

E vamos. Vamos, vamos, vamos... e entrámos felizmente, deu um mar ou dois, mas entrámos bem. Entrámos bem. Chegámos cá dentro, não estava lá ninguém a bordo do barco. Tudo fechado e não estava lá ninguém, tinham vindo para terra. Bem, aquilo